



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

26 de Junho de 2004 • Ano LXI • N.º 1573
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Cinquenta anos a servir doentes rejeitados

A 29 deste mês, dia de S. Pedro e S. Paulo, faz cinquenta anos que o nosso Padre Baptista foi ordenado Sacerdote, na Igreja de Lisboa, já a encaminhar-se para a Obra da Rua. São mais umas *Bodas de Ouro*, neste ano, que iremos celebrar, conforme a fé que encarnamos: — recolhidos à volta do Altar — com os doentes do Calvário, os Padres da Rua, algumas das Nossas Senhoras, os Rapazes e também os amigos mais próximos que souberem, puderem e desejarem.

Padre Baptista não quer. Tem muitos motivos para a sua opção. Acho que faz bem e não lhe levamos a mal. Mas, a nossa humanidade frágil exige que o façamos, no dia exacto do aniversário, e a nossa fé impõe-nos que demos Graças a Deus, na proporção mais explícita e abrangente que Jesus nos deixou: A Eucaristia.

Sabemos que o mundo utiliza estas manifestações para elogios, estímulos e vanglória. Detestamos umas e outras coisas à maneira do Evangelho.

Reunimo-nos, só e exclusivamente, para agradecer o dom inefável deste sacerdócio, vivido e experimentado a pregar o Amor aos Pobres de forma exemplarmente cristã, indiscutível e irrefutável.

O Calvário que o seu coração pôs de pé, assegurou e manteve, ao longo deste meio século, no sonho do Padre Américo, no respeito inalienável pelos direitos naturais da pessoa humana abandonada, é uma afirmação da Bondade Divina, actualizada na esteira das admiráveis realizações da fé cristã, ao longo da História.

Como uma casa de família para enfermos e deficientes sem família, exige um homem que lhe dê paternidade, incarne a autoridade

da casa, seja o primeiro a sofrer a sorte de cada um, a servi-los a todos e animar com exemplo e sabedoria a dinâmica própria de uma vida familiar.

Ouvi, há dias, aqui, em Penafiel, um doutor, alto responsável da Segurança Social, afirmar que os lares para idosos são fruto da industrialização da sociedade e que quando a família põe um elemento seu, num Lar, está a passar-lhe uma certidão de óbito. Ali, o homem e a mulher perdem todo o horizonte de realização humana que a natureza exige para ser feliz. Na verdade, a maioria dos lares, em Portugal, são, actualmente, verdadeiros depósitos de pessoas que, embora, podendo usufruir todo o conforto e comodidade, não têm a satisfação inata, à vida que é poder sonhar, numa actividade própria. E esse dinamismo indispensável é-lhes insensivelmente retirado.

No Calvário não acontece esta verdadeira castração do espírito humano. Ali, todos os elementos são activos. Por vezes, até os acamados têm responsabilidade e se sentem felizes na sua correspondência.

Uma Obra de Doentes, para Doentes, pelos Doentes só o Espírito Santo é capaz de animar e só uma vocação pobre, humilde, perseverante e disponível, consegue ser coração para todos!...

O mundo persegue-o!... Porque não entende, não percebe, não acredita e não é capaz.

Com as suas leis e jogos próprios de agnósticos tenta impor directrizes inconsequentes ao próprio pensamento e à visão mais avançada da natureza humana.

O Calvário é uma Obra de Deus na Igreja e uma manifestação limpa da Caridade cristã.

Aqui, qualquer homem e mulher, com saúde e capacidade, poderá oferecer, escondidamente, a sua vida a Deus: — Servindo os Doentes, criando neles e com eles laços

Continua na página 3



Cresce o número de órfãos em nossa Casa!

MOÇAMBIQUE

Problema do HIV — Sida

QUANTA coisa para dizer, deste cantinho de África, aos nossos leitores, sobretudo àqueles que por aqui andaram e guardam Moçambique no coração! Nem tudo pode ser dito a seu tempo e muita coisa, pela aflição em que andamos, toma a dianteira de notícias mais agradáveis. Há um problema em Moçambique, que por efeito da pressão de notícias, e de tantos casos reais, forçoso é aceitar que se tem estado de mãos atadas e não se tem dado a justa atenção. Chama-se HIV — Sida.

Há anos que a Comunidade de Santo Egídio com uma equipa bem dotada de pessoas e meios técnicos está a debelar os efeitos nos

portadores do mal. Há mesmo um Hospital onde vão as mães portadoras para impedir, no parto, a transmissão do mal ao seu bebé. Através dos nossos Postos de Saúde é feito o que se pode. Passa de sessenta os que estão a receber o tratamento adequado e a ser acompanhados pela nossa Maria José, para não darem passos comprometedores.

Há, porém, muitos mas... Porque nem todas as gestantes passam pelos Postos a fazer o controle, via análise; porque muitas aparentemente estão saudáveis e nem suspeitam e temem, ou mais grave ainda, se recusam a aceitar a verdade, acontece morrerem crianças pequenas ainda, ou em maior escala, cresce o número de órfãos. Para isso

basta que a mãe morra. É normal o pai estar ausente, porque tem outra ou outras mulheres, ou porque está na África do Sul. Por vezes regressa com o mal tão adiantado que morre logo, ou no mínimo deixa outras contaminadas.

Os Hospitais Centrais já distribuem anti-retrovirais. O que não chega uma vez que as pessoas já em estado adiantado, pobres na maioria, estão subalimentadas em virtude da miséria crónica em que vive tanta gente. Mais faz a Comunidade de Santo Egídio que fornece a cada doente um reforço alimentar, mas quando uma mãe de família tem quatro ou cinco filhos é natural que lhes não rejeite o que também ele precisa. Enfim, o número de órfãos cresce.

É aqui que o problema começa a complicar-se para nós. Eles são tantos que se há muitos anos vamos recebendo alguns, de modo a termos hoje connosco oitenta e dois, há que ir por outros caminhos.

Aparece agora o Banco Mundial a oferecer a Moçambique um programa piloto, para ser desenvolvido em cem dias. Exactamente cem dias. É complicado em tão pouco tempo, fazer um plano para um lugar distante de nossa Casa, como Magude. Chamados pelo Gabinete da Primeira Dama, a colaborar, uma vez que o nosso trabalho com as Comunidades é já notório, na primeira semana de trabalhos em que a Irmã Quitéria foi interveniente, tudo parecia condenado ao fracasso, perante o tipo de intervenções retóricas de variados ângulos sociais e religiosos. Na medida em que foram descendo das nuvens ao terreno, ao fim da segunda semana, ficaram articuladas as primeiras acções concretas: construção de casas e latrinas, de um centro de acolhimento de órfãos; formação adequada de líderes comunitárias para orientação e acompanhamento de portadores de HIV; formação de educadoras e responsáveis do funcionamento do Centro. Toda a parte de formação será dada no nosso Centro de Apoio da Massaca. Para as construções já foi destacado o nosso Skol, para o local, com pessoas da terra, organizar as

Continua na página 4

Malanje

«25 de Maio»

• É do planalto Malanjino que venho pedir-te perdão por tão longo silêncio. Foram-se as chuvas. O céu ficou límpido. Um vento forte sacode os arbustos. O fumo das queimadas faz sombra no coração.

Mas cá estou a dizer-te da nossa vida! Temos a Casa cheiinha. Nem mais um, dizemos nós... Porém, cada dia nos traz uma surpresa, um grito de abandono. Nós, à maneira angolana, olhamos o banco já cheio e, «chega um pouco para lá». Ontem subi à nossa despensa secreta. Fiquei aflito e falei ao jovem da chave — o Baptista! Tenho mesmo de ir por mais um contentor. «Tem que ser rápido» — respondeu-me. No Julho aí me tens a bater-te à porta. Três pancadas: a primeira, para te ver; a segunda, saborear o teu sorriso; a terceira, pedir-te uma latinha de conserva.

• O centro da nossa Aldeia é um quadrado plano dividido em quatro canteiros. Três com relva e arbustos e o quarto com um tanque de água — alegre companhia — com degraus de volta, onde, às 5,30 h., rezamos o Terço e, por vezes, comentamos o nosso viver e julgamos, em direcção pedagógica, as nossas mazelas.

Hoje, fiquei por detrás dos «Batatinhas» sentindo durante o cheiro intenso do remédio da tina.

Vieram dois com ela e, boa campeã, avançou sem medo. Agora, sabão e remédio mal cheiroso.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

RENDIMENTO MÍNIMO — No mês de Fevereiro do ano em curso, 96.535 famílias, mais de 200 mil pessoas, recebiam o rendimento social de inserção (dito rendimento mínimo).

Este rendimento, por família, tem o valor médio de 162 euros mensais (32 contos). Indicador que demonstra haver muita gente, no País que somos, que vive muito mal.

A verdade é que nem todos os Pobres conhecem este subsídio — o que é pena!

REMÉDIOS — A Imprensa deu nota de que vão sofrer mais um aumento. Nós andamos sobre o assunto, sabemos como a doença prejudica a miséria dos Pobres!

O caso vertente vai doer o coração de pessoas que não têm o necessário para comer, quanto mais as dificuldades dos seus males de saúde.

Estamos a pagar na botica a média de 500 euros mensais. Tanta gente com doenças graves...!

PARTILHA — 150 euros da assinante 57558, do Porto, com «um bem-hajam pelo vosso trabalho». Presença que aparece muitas vezes!

Outra, ainda, do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, com a amizade de sempre, e «saudações cordiais», que retribuimos.

Maria Luísa, de algures, 70 euros.

Cem euros, da assinante 11856, do Porto: «Damos graças a Deus por tudo o que Ele deu e por alma dos meus entes queridos, esses 100 euros. Sempre muito grata pelas vossas orações e que Deus vos dê coragem para cumprirem a vossa missão».

Lourdes, de Cacém, com 35 euros: «Como de costume,

mais uns pozinho para os mais Pobres, tenho sempre pena de não poder enviar mais alguma coisa. Continuo sempre a desejar-vos muita saúde para continuarem com essa missão».

Por fim, um cheque de 80 euros do assinante 9790. «Que o Bom Jesus nos ampare e ilumine para que os vossos passos sejam copiados por todos nós no Caminho do Bem e da ajuda aos mais necessitados».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PISCINA — A obra está quase pronta. Melhor, é impossível, pois a nossa piscina é a melhor das redondezas; com onze metros de largura por vinte e três de comprimento. Só lá vai quem merece.

PRAIA — A nossa casa da praia também está em obras. Dizem que está a ficar uma maravilha. Ainda lá estão os trolhas. Esperamos que esteja pronta a tempo para as nossas férias. Só lá vai, também, quem merecer.

ESCOLA — Faltam duas semanas para acabar e os nossos rapazes dão o tudo por tudo para passar de ano, e é se querem merecer a piscina e as férias na praia. Mesmo assim há quem continue a faltar às aulas!

BATATA — Já começou a colheita. É bom que tenha começado porque liberta os rapazes para o gozo de férias. O ano passado só as colhemos depois de terminar a escola.

BOLAS — Alguns rapazes da escola primária conviveram com os jogadores da Seleção Francesa, em Santo Tirso, que nos ofereceram holas do Euro

2004. Os rapazes vieram todos contentes.

EURO 2004 — Começou. O primeiro jogo da nossa Seleção não correu muito bem, mas os rapazes estão com esperança que nos nossos jogadores rectifiquem nos próximos jogos. Todos temos esperança que Portugal vença o Euro 2004. Viva Portugal! Força, os gaiatos estão contigo!

Rolando

DESPORTO — Os Iniciados receberam o Sporting Clube de Campo. Francamente, temos sido acolhidos e acarinados por toda a gente; mas, desta vez, fomos confrontados com um grupo de homens, que acompanham, normalmente, estes jovens de Campo — Valongo, que nos deixaram encantados com tanta disponibilidade e dedicação para com os nossos rapazes. Homens curiosos, no bom sentido, a querer saber mais profundamente quem somos, o que fazemos e quais as nossas origens. Fomos explicando segundo a nossa pequenez e ouvidos, por eles, com o coração nas mãos. Não é fantasia! Nós sentimos isso mesmo. Aliás, diz um dos acompanhantes: «Tenho sete netos..., não sei como é possível acontecer o que acabo de ouvir e de apreciar». Estavam ali, perto deles, o Daniel e o Bruno da casa-mãe.

Pai Américo teve o desastre precisamente em S. Martinho do Campo. Está lá a sua fotografia. Quem sabe se precisamente por isso, eles sentem como ninguém (...) a riqueza da Obra de um Homem com quem eles se cruzam todos os dias. Não sei. Só sei dizer que me sinto incapaz de explicar tudo o que vi, ouvi e senti. Eles trouxeram tudo. Para além do calor humano, no final do jogo apresentaram uma merenda onde não faltou a horoa e o presunto caseiro, «lanches», tudo bem regado com vinho para os homens de S. Martinho do Campo e sumos para os nossos e para os atletas daquela terra. Deixaram-nos bolas e

muitas outras coisas. Meu Deus, ainda há gente boa! Talvez por eu sentir tantas vezes coisas parecidas ou iguais, é que não percebo, e cada vez menos, as mesquinhices, a impertinência ou até talvez a importância pretendida por algumas pessoas com quem nos cruzamos tantas vezes. Nós somos uma família, onde o desporto tem o seu lugar, é certo, mas não é um grupo de futebol como aqueles que fazem parte da «liga dos milhões». Milhões que são gastos na bola e seus... em vez de acudirem à fome e à miséria que cada vez é mais. «O pior mal que nos pode acontecer é caminhar com o micróbio do egoísmo e da indiferença, bem escondido, a minar a energia vital da felicidade» — Padre Manuel António.

Falando um pouco do jogo, foi «osso duro de roer», o presunto era mais tenro, mas ganhámos com golos de «Bolinhas» (1), que mais tarde havia de falhar um penalty e não só; «Carlos Pote» (1) de grande penalidade e Abílio (1) contra os dois que eles marcaram. Um de grande penalidade e outro que nasceu de uma brincadeira entre os nossos centrais. Todos estiveram em grande plano, com raça e determinação, mas é justo destacar o «Peixinho» na baliza e o «Carlos Pote» e «Patrick» na defesa.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — No dia 23 deste mês, quinze dos nossos rapazes foram ver a Festa feita pela Casa do Gaiato do Tojal, em Castelo Branco. Foi uma Festa muito animada e muito divertida, pois é sempre bom ver companheiros nossos a representar e quanto mais pequenos forem mais espectacular se torna a Festa. Depois dos nossos rapazes verem a Festa, notou-se algum entusiasmo em retomar as Festas que já não fazemos, há dois anos.

ZONA NOVA — Finalmente a zona nova já foi ocupada na totalidade, depois de cerca de dois anos em obras. A zona nova tem nove quartos e quatro grandes quartos-de-banho com cabinas de chuveiro. São dois andares para cerca de trinta rapazes.

ANIVERSÁRIO — Os alunos da escola primária com os seus professores e a ajuda da senhora Nazaré, organizaram a festa de aniversário da D. Zélia e do «Zé Pinóquio», pois fazem anos no mesmo dia. Todos ficaram muito contentes.

VISITA — Recebemos a visita dos seminaristas das Dioceses de Aveiro e de Coimbra, com dois dos seus superiores. Eles chegaram perto do meio dia, celebraram a Eucaristia no nosso novo Oratório. Depois,

visitaram a Casa e almoçaram connosco. De tarde houve futebol. Saímos vencedores. Os seminaristas jogaram muito bem. Também recebemos um grupo de uma escola de Alcanede que nos trouxeram uma oferta preciosa: 30 edredões, mesmo ao jeito de irem para as camas da zona nova. Ficamos muito agradecidos! Também recebemos a tradicional visita da escola Pero da Covilhã com a sua professora de Religião e Moral.

RAPAZES — Temos mais um rapaz com carta de condução. É o «Spide». O Ângelo está também a iniciar as lições de código.

O Rui Pedro foi para a tropa, encontrando-se em Abrantes.

Os rapazes do alternativo foram a Lisboa ver o Benfica-Leiria com bilhetes oferecidos pelo estádio. Os rapazes do Lar de Coimbra foram visitar o Estádio da Cidade de Coimbra, a convite do vereador do pelouro do desporto. Ficaram muito satisfeitos.

Adriano

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

ENCONTRO ANUAL — Será a 18 de Julho, Domingo seguinte à data. Este ano não haverá o almoço pelo que cada qual deverá trazer o seu farnel. Eis o programa:

10,00h. — Reunião.
11,30h. — Deposição de uma coroa de flores no túmulo de Pai Américo, na nossa Capela.
12,00h. — Missa.
13,00h. — Almoço. «Comerá do que trouxeres».
17,00h. — Merenda oferecida pela Casa: sardinha assada e caldo verde.

Depois, cada qual regressará a sua casa.

Na próxima quinzena daremos mais notícias.

Esperamos que estejas presente. Precisamos de todos.

Júlio Fernandes

SETÚBAL

BAR — As obras estão a chegar ao fim. O Zé está a acabar de colar os azulejos e a pintar as paredes. Os carpinteiros já acabaram o seu trabalho com os rodapés e os bancos. Os serralheiros montaram a grade que divide o bar da sala de televisão. Em breve vamos começar a utilizá-lo.

PISCINA — Os rapazes já a lavaram porque estão desejosos de ir ao banho. O João andou lá com um grupo. Logo que possível, o Amândio irá enchê-la.

ÁGUA — Os rapazes ao tomarem banho, já notaram que a água vem com mais pressão. Os serralheiros fizeram um depósito para tratamento da água do furo e instalaram uma bomba para dar pressão à água que vai para as casas. É preciso que os rapazes poupem a água porque é uma coisa rara.

VACARIA — Nasceu uma vitela. É mais uma para o «Luís Caras Lindas» tratar. O David deu-lhe o nome de «pérola». As nossas vacas continuam a dar boa produção de leite. O importante é que lhes deem boa alimentação.

ESCOLA — Começaram as férias. Os rapazes já estavam desejosos de ir para a praia. Na próxima semana o primeiro turno irá para a nossa casa de praia na Arrábida. Era bom que as férias fossem merecidas para todos.

Sérgio



Equipa sénior da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Cartas

Pequena contribuição

«É a primeira vez que vos escrevo, desde que vieram fazer uma visita e um pequeno espectáculo à paróquia de Massamá. Já lá vão dois anos. O ano em que faleceu o meu filho. Ainda me parece mentira, um pesadelo de que não consigo acordar. Fala-se tanto em cancro como se fosse a pior doença do século, mas não é a única. Pode ser que um dia eu me consiga perdoar por ele ter adoecido e eu não me ter dado conta. É alguma coisa de inexplicável como é que um rapaz de 22 anos, saudável, que vivia para o andebol e para o estudo apanha um vírus, que nunca

se soube qual era, e lhe provoca uma encefalite galopante que lhe tira a vida em vinte dias. Há duas imagens que eu tenho sempre comigo: uma quando ele ia para mais um dia de aulas, no Técnico, e eu lhe disse até logo; e outra em que ele parecia dormir na cama do hospital e eu lhe disse até sempre.

E é assim que a nossa vida se desmorona e aquilo que nós considerávamos seguro se evapora ficando um vazio que não há forma de preencher.

Tenho andado de dia para dia para enviar uma pequena contribuição para



Cinquenta anos a servir doentes rejeitados

Continuação da página 1

afectivos e relações familiares, fazendo-se um deles, como na família genuína, somos pai, mãe, filhos e irmãos segundo a natureza.

Se algo seria justo dar ao Padre Baptista, nesta data festiva, e que lhe era muito agradável — tenho a certeza — seria um cireneu que continuasse, em si mesmo, este dom do Espírito que habita nele.

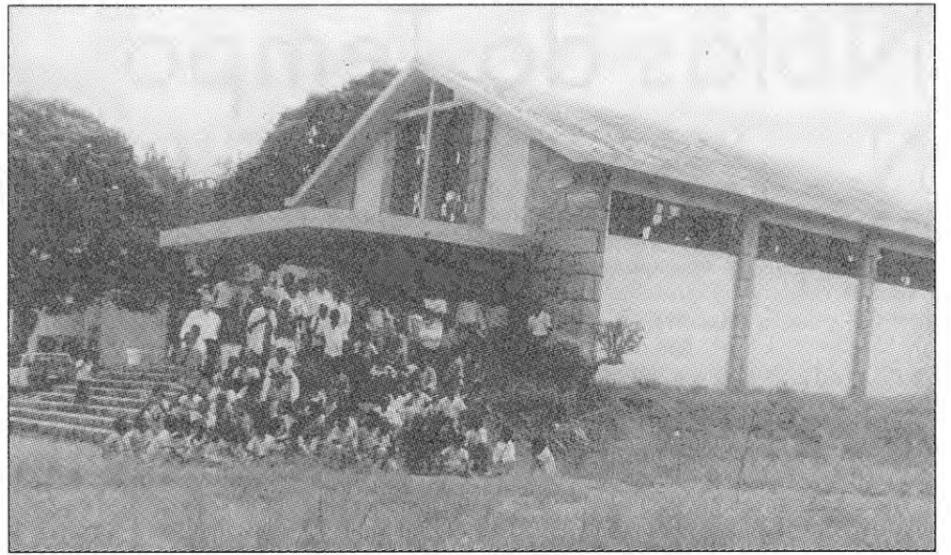
São, hoje, raros os sinais de profetismo e de heroicidade nesta Igreja, quando necessitamos, com urgência, de uma avalanche de gente apaixonada pelo Evangelho de Jesus. Loucamente apaixonada.

No Calvário a vida é dada ingloriamente. Sob o ponto de vista humano os estímulos não se comparam aos de uma Casa do

Gaiato. Nesta, fazemos homens; vemo-los crescer no meio de avanços e recuos, lutas, vitórias e derrotas; mas, saboreamos, intimamente, alguma compensação. No Calvário, os doentes também recuperam, equilibram-se, encontram caminhos de realização humana e sobrenatural; mas, o horizonte da vida é curto e aos olhos do coração que ama, o fim de um sonho.

Quantas centenas de abandonados que ninguém cuidou, nenhum poder, nenhum regime e nenhuma instituição, encontraram no Calvário a última doçura dos seus dias, o conforto e alívio das suas dores e a porta do Céu!... Quantas centenas?! E isto sem um tostão ou um cêntimo do Estado, que ainda ali vai lambar, investigar e acusar.

Padre Acílio



Eis a Capela da Casa do Gaiato de Malanje.

Malanje

Continuação da página 1

O Tói é o curandeiro diário. Foi chamado para explicar as faltas ao curativo diário. Apresentou lista dos faltosos e, logo tribunal em acção. Não dá cadeia. É familiar e pode evitá-la.

• — Onde está o teu pai? — perguntei ao menino.

— Na outra casa — respondeu. Fui à outra casa e foi uma menina que me informou que devia estar na terceira esposa.

E assim passei a tarde procurando o pai de três famílias.

De que natureza a relação pai-filhos?

A capacidade de educação de todos eles?

Somente gerar, não.

«Onde as condições requeridas para crescer e se desenvolver na harmonia de tudo aquilo que faz parte da pessoa humana a partir da sua concepção e do seu nascimento?» — interroga alguém e com razão.

Maior que o problema da

fome, me parece o abandono dos jovens na sua educação e crescimento.

Muitos procuram e abraçam a «rua» por falta de ambiente familiar. Sua casa de adobes no labirinto do bairro não lhes diz nada. Nada que os prenda e estimule para um crescimento total.

Não nos admiramos se um dia aparecer um líder que os aglutine e lance numa nova revolução.

Regressemos à família e, nela, a capacidade do sustento e o salto para as condições de dignidade e educação. Amém.

Padre Telmo

ENCONTROS EM LISBOA

Crianças e jovens em risco

QUANDO era ainda menino ouvi uma frase que me ficou na memória: «Ai de quem é apanhado nas malhas da Justiça, nunca mais de lá sai». Infelizmente a experiência veio a demonstrar-me que algo de verdade continua esta espécie de agoiro. Com efeito, quer pela falta de orientações curativas, o sistema de justiça acaba por tomar conta das pessoas que não mais se libertam das penas e recadadas.

Neste momento, encontro-me a braços com uma outra forma de teia de aranha que envolve aqueles a quem se convencionou chamar crianças e jovens em risco. As situações são detectadas. Fazem-se entrevistas, tomam-se medidas provisórias a quem se chamam projectos de vida, porque as primeiras medidas não resultaram e é preciso organizar novos projectos de vida. Depois de andarmos nisto dois, três ou quatro anos surge a ideia de que afinal a colocação numa instituição seria medida adequada... Se alguma instituição os recebe, não os deixam tranquilos, de tanto em tanto tempo, normalmente seis meses, é necessário reavaliar as medidas e temos mais entrevistas, relatórios, técnicos, decisores porque a instituição não deve continuar... Voltamos atrás, até que, finalmente aquele a quem se quis tanto criar projectos de vida decide

criar o seu próprio projecto colocando-se à margem. Muda de patamar, muda de técnicos e muda de medidas de acolhimento... Foram quatro ou cinco anos de muitos relatórios, mas foram também quatro ou cinco anos de andanças em que ninguém verdadeiramente assumiu o menor. Todos conhecem, todos têm opinião, mas ninguém assume depois as responsabilidades sobre o desencaminhar da criança e do jovem. As responsabilidades diluem-se dada a abundância de mãos por que passou e a criança e o jovem continuam sós, entregues à solidão dos seus devaneios.

Ninguém deve ter as instituições como lugar ideal para uma criança e jovem crescer. As instituições serão sempre um remédio que, nalguns casos, de acordo com os princípios pedagógicos aí vigentes, serão uma alternativa à família e a acolhimentos sucessivos, cheios de insucessos, em grupos familiares. Que os bons princípios não se afirmem à custa do denegrimiento de opções que deram e continuam a dar os seus frutos.

NOTA DE AGRADECIMENTO: Terminaram, por este ano, as nossas Festas. Foram momentos de encontro entre os nossos rapazes e as pessoas amigas que nos acolheram. A todos o nosso muito obrigado.

Padre Manuel Cristóvão

a vossa Obra, mas, se isso serve de desculpa, às vezes, quando acaba o dia já não tenho coragem para mais nada. Sei como é importante dar apoio aos jovens porque sou professora numa escola com alunos carenciados e sei a falta que lhes faz uma verdadeira família, mais do que dinheiro no bolso. São eles que têm ajudado a dar sentido à minha vida apesar de serem tão diferentes do meu filho. Gostaria de lhes ensinar, sobretudo, a serem bons cidadãos, cumprido-

res, honestos com eles próprios e com os outros. Sei que são esses também os vossos objectivos e neste mundo tão cheio de problemas fazem muita falta Obras como a vossa.

Assinante 73287».

Evangelho Vivo

«Aproveito a oportunidade para agradecer O GAIATO — Evangelho Vivo — que têm feito o favor de enviar e que constitui para

mim um autêntico oásis entre toda a Comunicação Social — rádio, televisão e jornais — que nos entra pela casa dentro e só nos entristece.

Assinante 9083».

Recorro a Pai Américo

«Muita saúde e paz para todos. Trago comigo a imagem do bondoso Padre Américo, que enviaram juntamente com o Jornal. É muito reconfortante andar acompanhado quem se gosta, dá valor. Sempre que preciso de ajuda, recorro ao bondoso Padre Américo.

Assinante 21253».

Não desanimem

«Se fosse possível, pedia o favor de uma oração por

PÃO DE VIDA

A bola

NA tradição judaico-cristã, o corpo é a pessoa, animado pelo sopro do Espírito que o eleva a um ser «quase divino», único na Criação.

É a síntese de uma visão dualista, em que o ser humano é separado, num desvio ao anúncio do Mestre. O corpo é espaço de graça! Por isso, o Médico divino toca os enfermos, abraça as crianças e convive com pessoas de má fama. O verdadeiro Templo é o Corpo de Jesus, que cresce e Se fortifica, como verdadeiro Homem.

O nosso tempo é sensível ao culto do corpo. *Mens sana in corpore sano.*

Foram alcançados avanços científicos de defesa, aumentando a esperança de vida; e, em contrapartida, outras formas de agressão e destruição.

As características da vida humana exprimem, desde o início, as impressões digitais celestes, no barro terreno, e já foram reveladas. O genoma é um argumento mais e forte para acarinharmos a vida nascente.

A hereditariedade é determinada pela circunstância do crescimento humano. Neste âmbito, o desenvolvimento físico e intelectual está ligado ao movimento e à dimensão lúdica. O desporto contribui para melhorar a saúde e está na linha da educação integral da pessoa humana.

As práticas desportivas estão enquadradas no nosso *modus vivendi* como uma ocupação salutar do tempo livre. São uma compo-

nente necessária para a harmonia pessoal e familiar, na comunidade.

Desde os primórdios, estas Casas foram dotadas de campos de jogos, demonstrando uma grande visão do que estava em jogo na educação da juventude.

As suas dimensões dizem bem da largueza de horizontes que se podem atingir, quando se cresce saudável, com regras e disciplina. O desporto é benéfico para a libertação de emoções adversas ao equilíbrio psicobiológico; e na educação para os valores, como a amizade, o respeito mútuo e a lealdade.

Um tema recorrente no nosso quotidiano são as bolas. Muitos desafios foram disputados no nosso campo desportivo. Para além dos encontros humanos e dos resultados, têm sido de notar as vitórias dos homens que se vão fazendo, também com a contribuição do desporto.

Nestes dias, os esféricos multiplicaram-se e têm saltado com frequência, até fora do rectângulo de jogo, em transgressão. A nossa sineta esforça-se por suspender as bolas; todavia, elas têm uma magia que encanta estes garotos. O Jorge, «Troca-Olhos», não vê mais nada à sua frente, mesmo que a bola esteja gasta.

Na idolatria do futebol, pode haver a ilusão de ganhar as partidas antecipadamente. No estádio, os atletas correm todos, mas só um é o vencedor.

O jogo da vida não é um negócio pouco claro e alienante, mas um itinerário transparente e de esforço, na preparação, até cada um agarrar bem o projecto pessoal e irrepetível. Todos os que participam, com perseverança, não se perdem no vazio, e podem ser vencedores.

Padre Manuel Mendes

PENSAMENTO

A linguagem dos doentes tem o sabor da Eternidade.

PAI AMÉRICO

uma pessoa de família gravemente enferma desde há muito. Obrigado.

Desejo a toda a Família da Obra da Rua coragem e força para continuarem

o vosso trabalho a favor dos rapazes abandonados e não desanimem, apesar das incompreensões de toda a espécie que têm surgido a tentar denegrir a

vossa Obra. Os vossos amigos — entre os quais me conto — estão convosco e têm total confiança em vós.

Assinante 54251».

Notas do Tempo

NA derradeira presença n'O GAIATO sobre a *riqueza* e o *risco* que são os *mass media*, porque o espaço que me cabe no pequenino jornal estava preenchido, apenas aludi à outra vertente da Comunicação que é a de «exprimir opinião».

Mal eu sabia que a quinzena iria ser tão abundante nesta categoria de comunicar, infelizmente por razão que, de causalidade ou de simples ocorrência, implicou a morte de um Cidadão por todos os quadrantes reconhecido de uma qualidade de carácter que deixa falta numa nação pobre de valores desta espécie.

Tanto quanto me apercebi das opiniões vindas da diversidade do ideário social e político, há um parecer unânime: **É tempo de reflectir.** De reflectir sobre «a triste feira da política activa, tão medíocre que até dói», para usar um desabafo do próprio Pro-

fessor, soltado há anos. E que, apesar disso, homem de Esperança e certamente pelo ideal de servir, voltou à «feira» e aí mesmo encontrou o fim da sua vida. De reflectir sobre uma democracia que ainda se não achou. Nem vai achar-se somente pela busca de «novas formas de fazer política», mas pelo achamento de homens novos verdadeiramente convictos do conceito, do conteúdo a vivenciar pela palavra Democracia, o que exige deles um autêntico amor ao Povo (Demofilia, diz o dicionário — à palavra ignorada, à disponibilidade tão rara!), que os torne servidores apaixonados e livres, isentos de outro objectivo que não seja servi-IO. E amor autêntico exige, por sua vez, humildade e desprendimento. Com tais exigências à partida, não tenho dúvidas de que Democracia é a forma de governo mais cristã. Mas para que a forma tenha

vida são necessários homens que a incarnem. Homens de ideias firmes mas não fixas, capazes de dialogar com outros de outras ideias, sem fazer do diálogo competição a ganhar por qualquer preço, pois o diálogo só tem uma meta a atingir: a procura de acerto, o maior possível, nas decisões a tomar em ordem ao Bem Comum, onde cada cidadão, também livre de egoísmos exclusivistas, há-de encontrar o seu próprio bem, o melhor possível.

Ser e ensinar o Povo — eis o primeiro ponto de um programa democrático. Talvez esteja logo aqui a debilidade das democracias. O *ser* democrata constrói-se sobre a vigilância e o auto-domínio relativamente a tendências tão vulgares no homem como são todas as formas de desmedido amor próprio, vigilância e domínio que duram a vida inteira. Não é fácil!

Ocorre-me a palavra do Senhor D. António Ferreira Gomes proferida na sua Sé em dia de Ordenações — era o dia 4 de Agosto de 1957:

«O Povo é de quem o ama e mostra que o ama. Mostrar... sem o amar, seria hipocrisia — e a inverdade não leva a parte nenhuma. Mas quem o ama, tem de mostrar o amor para que o Povo saiba o bem que lhe é dirigido — e mostra mesmo porque aquilo que é, manifesta-se».

A palavra autorizada do Bispo, daquele Bispo, tinha por destinatários primeiros os sacerdotes que a partir desse dia iam ser enviados em missão para o meio do Povo.

Mas não faz mal nenhum aos políticos que a ouçam e a assumam também. E não caiam na tentação de populismos estereis para ganhar o Povo. Amem-no e mostrem que o amam em austeridade de vida que cheire a verdade, que implique sacrifício do próprio interesse — e tê-lo-ão. E mais ainda: Porque ensinaram o Povo e lhe deram a possibilidade de ideias diversas em espírito de diálogo, dar-lhe-ão assim a felicidade de um critério para escolher — de terem a quem escolher.

Padre Carlos

SETÚBAL

A nossa Obra assentou arraiais em Setúbal há perto de cinquenta anos

SÃO já 49 anos em que a Obra da Rua assentou arraiais em Setúbal para fazer Festa, não como o mundo a faz, mas à maneira de Jesus Cristo; Festa que sem esquecer o presente, pretende gozar as delícias da vida futura.

Trabalhar para salvar crianças dos males que sobrevêm da vida de rua, não pode ser senão acto festivo. Quando acolhemos um rapaz da rua, não temos em vista somente o êxito da sua vida terrena, mas orientada para o fim último da vida humana: caminhar, crescer e viver na presença de Deus.

Daqui vêm os nossos padecimentos. A nossa cruz, como a que todo o cristão transporta na vida, não é senão a contribuição de cada um para que tenham valor salvífico os acontecimentos nos quais se vive inmerso.

Pede-se então uma paciência e uma esperança quase infinitas na educação da criança com quem vivemos. Dar tempo para que a *árvore* vá crescendo, sachar e lançar-lhe adubo em volta; esperar que o fruto surja, e que seja doce e não amargo...

A vida na Casa do Gaiato é uma prova constante que se faz à generosidade de todos nós. Quase todos os nossos afazeres assentam nesta capacidade que, sendo humana, só adquire plenitude quando animada por Deus.

Há tempo, um senhor dizia que isto de vivermos desta maneira tinha os dias contados, que já não era exequível nos nossos dias. Queria dizer que o trabalho como o nosso, em favor dos Pobres, tinha de ser remunerado e organizado à maneira das empresas. Ora a gente sabe como estas vão abrindo e fechando de acordo com interesses e necessidades que com o tempo vão mudando, hoje com períodos de vida muito curtos e de pouca estabilidade; e nós precisamos tanto de tempo e estabilidade.

A não ser que acabe a nossa matéria-prima, o que era já uma grande motivação para o trabalho do nosso Padre Américo e continua a ser nossa, até lá temos de continuar a ser família para os sem família.

A Família só pode existir quando existe generosidade

nos seus membros. Transformar a relação familiar numa troca de serviços, derivada de interesses pessoais, seria o puro individualismo que, depois de tomar conta da sociedade em geral, atingiria a sua unidade fundamental: a célula familiar.

Por isso nós dizemos e insistimos que só a generosidade pode criar laços de melhor relação familiar, de maior amplitude de vida familiar, de mais profundos horizontes de vida humana.

Por causa da mentalidade como a do senhor nosso amigo que referi, é que não se espalha, aos menos abundantemente no seio dos cristãos, a doação da própria vida à maneira de Jesus Cristo. Esta, é a expressão visível da generosidade que nos alimenta e que há-de existir enquanto tivermos o Evangelho como proposta de vida presente e futura.

Nós, cristãos, não podemos esquecer nunca que, se quisermos ganhar a Vida, havemos de a perder.

Padre Júlio

BENGUELA

Verdade sublime com ressonâncias sociais muito fortes

VIM da celebração da Festa do Corpo e Sangue de Jesus Cristo. Toca-se uma verdade sublime, mas incómoda, com ressonâncias sociais muito fortes. É assim a Palavra do Mestre. Diante da multidão sedenta de O escutar, mas com fome de pão, não se cala, nem cruza os braços. Faz-se Pão vivo para que todos recebam vida. E a vida também passa pelo pão que os homens todos devem comer.

É muito significativo que na Festa do Corpo de Deus, a Liturgia nos proponha o milagre da multiplicação dos pães que vão alimentar milhares de pessoas. Mais, é pedida expressamente a intervenção dos discípulos: «Dai-lhes vós mesmos de comer». É uma palavra muito incómoda para aqueles pobres homens. Onde buscar pão para todo o povo? Como resolver o problema desta fome? Como é possível comer bem, de consciência tranquila, o Pão vivo que desceu do Céu, sem dar a parte que nos toca para matar a fome da multidão?

Ah, se todos dessem as mãos a sério ao Mestre que fala ao coração de cada um dos seus discípulos, o milagre aconteceria: «Todos comeram e ficaram saciados; e ainda recolheram doze cestos dos pedaços que sobraram».

Quem não fica maravilhado?! Estou a falar do que vemos e tocamos.

Passou pela nossa Casa, há dias, a mais alta responsável duma ONG a operar em Angola. Veio saber da nossa vida. Como sempre, em encontros como este, não falta a pergunta sacramental: — Como é possível? Donde vêm os fundos? Não tenho dificuldade nenhuma em responder, como no princípio: É o povo de Portugal que nos dá a mão. Quem sabe se esta Organização não vai entrar na corrente libertadora que nos envolve? Há-de chegar a hora, tenho esperança, em

que o grande valor da comunhão africana se liberte da opressão da pobreza extrema e da miséria e acolha no seu regaço os filhos mais débeis. Vai chegar a hora, tenho esperança, em que a riqueza da mãe-terra chegue a todos os seus filhos. Por enquanto, os pobres lázaros, que são multidão, nem sequer podem comer as migalhas da mesa dos mais ricos. Queremos estar no meio deles. São a nossa herança. Partilhemos com os mais pequeninos a riqueza do Pão da Vida e a riqueza do pão que mata a fome do corpo.

Padre Manuel António

Moçambique

Continuação da página 1

de pedreiros e carpinteiros, a fim de em três meses apresentarem pelo menos trinta casas acabadas. Do êxito desta maratona, vai depender a continuação do mesmo e o alargamento a outras áreas. Haja coração que agente. Tivemos connosco, ontem, toda a tarde, a senhora do Governador da Província de Maputo a quem pertence Magude. Ela é jovem e cheia de vida. Faz-nos pena que não tenha perto de si outras pessoas em quem apoiar-se e tenha em último recurso de buscar ajuda em quem já está tão sobrecarregada. Deus só nos pede para dar.

Padre José Maria

CALVÁRIO

Atitude

SÃO muitos os doentes a tomar-me pela mão para que vá confirmar o seu trabalho: — *Venha ver o que eu já fiz?*

Este gosto pela apreciação do que vão realizando é a expressão clara do amor que eles põem naquilo que fazem.

— *Eu gosto de trabalhar!* — dizia-me, há dias, a Maria do Céu.

O trabalho, hoje em dia, é tido apenas como meio de obter vantagens financeiras, compensações monetárias. Por isso, ele é penoso, fatigante e até, às vezes, antipático. Se de modo ardiloso e rápido se puder auferir, sem trabalho, o mesmo resultado, isso surge como óptimo para muitos. Quase ninguém trabalha hoje em dia desinteressadamente, nem os filhos pelos pais.

É concepção errada do trabalho. O homem é chamado a ser homem para se realizar, crescendo, desenvolvendo-se e colaborando na construção do mundo em que vive com os demais. O homem prolonga-se naquilo que vai realizando.

Quando, em tempos atrás, tínhamos aqui «artistas», estes gostavam do que faziam. E a prova disso é que eles hoje aparecem com os filhos e os netos para lhes mostrarem aquilo que em tempos executaram.

— *Olha, fui eu que fiz aquela entrada, aquele telhado, aquelas pedras, aquele portão; fui eu que plantei aquelas árvores.*

Tudo isto é prolongamento da sua pessoa. São pedaços de si próprio que ficam para a história.

Aquilo que matou o sentido verdadeiro do trabalho foi a sua articulação pelo dinheiro. Ora, aqui, o dinheiro não é compensação. Eles trabalham por amor, para se realizarem, mostrando que são úteis e válidos. E os resultados aparecem.

É, pois, bom vê-los felizes com aquilo que sai das suas mãos.

No tempo do antigo Israel os profetas chamavam a atenção do Povo para os erros e desvios do seu comportamento. Estes doentes simples mostram, com o que fazem e como o fazem, como devia ser vivido o tempo da nossa história.

Ainda que o dinheiro tenha de ser compensação, não se devia nunca esquecer o contributo que damos com o nosso trabalho a toda a comunidade humana.

Padre Baptista